

EXCLUSIVO

PROSSEGUINDO no debate sobre a música "bossa nova", destinado a colaborar no esclarecimento do público no tocante à momentosa questão, **RADIOLÂNDIA** apresenta hoje a palavra de César Guerra Peixe, compositor, arranjador e regente do quadro de maestros da Organização Vitor Costa, em São Paulo. Tratando-se ainda de um pesquisador do folclore nacional, além de autoridade em história da música, não perdeu o repórter oportunidade para ouvir do entrevistado, inclusive, considerações de ordem técnica a fim de comunicar maior profundidade à discussão. Releve o leitor, portanto, o possível alongamento do texto: o conteúdo o justifica.

Inicialmente, declarou-nos Guerra Peixe:

— Não se considerando a confusão que faz a maioria dos produtores de rádio e televisão, bem como determinadas empresas gravadoras — estas, às vezes, propositadamente, no intento de tirar proveito das discussões — fato é que muita gente não compreende ou não quer compreender que Bossa Nova (BN) não é mugido vedetiano com requintes de blue; não é zumbido grave, desafinado e em estilo sensual, tentando disfarçar falta de voz; não é cantoria tendo por fundo, ao violão, o colonialíssimo acompanhamento de fórmulas ultragastas de óperas italianas de outrora; não é *hot-samba*, que, já fez carreira entre nossos instrumentistas; não é pálido *be-bop* a meio de efeitos armstrongianos; nem má execução; nem orquestração que ressalta um detalhe em prejuízo do todo; e por fim nem é meio de ocultar falta de bossa ou inadaptação ao novo estilo. Tomando por base algumas das melhores gravações dos mestres do estilo BN — isto é, músicas de Antônio Carlos Jobim, versos de alguns poucos autores; execução ao violão por João Gilberto e interpretação vocal do mesmo João Gilberto (Odeon) e Elizete Cardoso (em discos Festa) — muita coisa interessante se pode dizer sobre o assunto. BN, sendo principalmente o inseticida sonoro que veio diminuir, nas execuções, boa porcentagem de música estrangeira de valor duvidoso, e ainda a melhor coisa surgida, ultimamente, no popular musical do Brasil, reúne um conjunto de qualidades positivas num andamento cuja marcação metronômica parte de 72 batidas por minuto e vai até um pouco mais.

Passa em seguida Guerra Peixe ao exame detalhado de aspectos orgânicos da música "bossa nova".

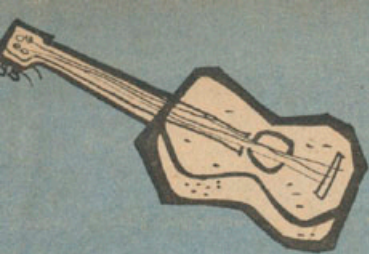
SEGUE

GUERRA PEIXE: BOSSA NOVA É A MELHOR COISA SURGIDA ÚLTIMAMENTE NA MÚSICA BRASILEIRA

Texto de ARNALDO
CÂMARA LEITÃO

Fotos de
HILDO PASSOS





BOSSA NOVA

Em reportagem exclusiva para esta revista, o maestro Guerra Peixe defende e explica (mesmo) a bossa nova!

LETRA

— O autor não focaliza aspectos típicos e nem emprega terminologia pitoresca — tantas vezes intrincada. Utiliza-se tão-somente do linguajar essencialmente brasileiro, conhecido de todos os que falam razoavelmente. Quando romântica, a letra não se torna piegas. Anti-mórbida, volta a registrar saudavelmente o sentimento popular como numa das melhores épocas da nossa música popular (este, o termo científico).

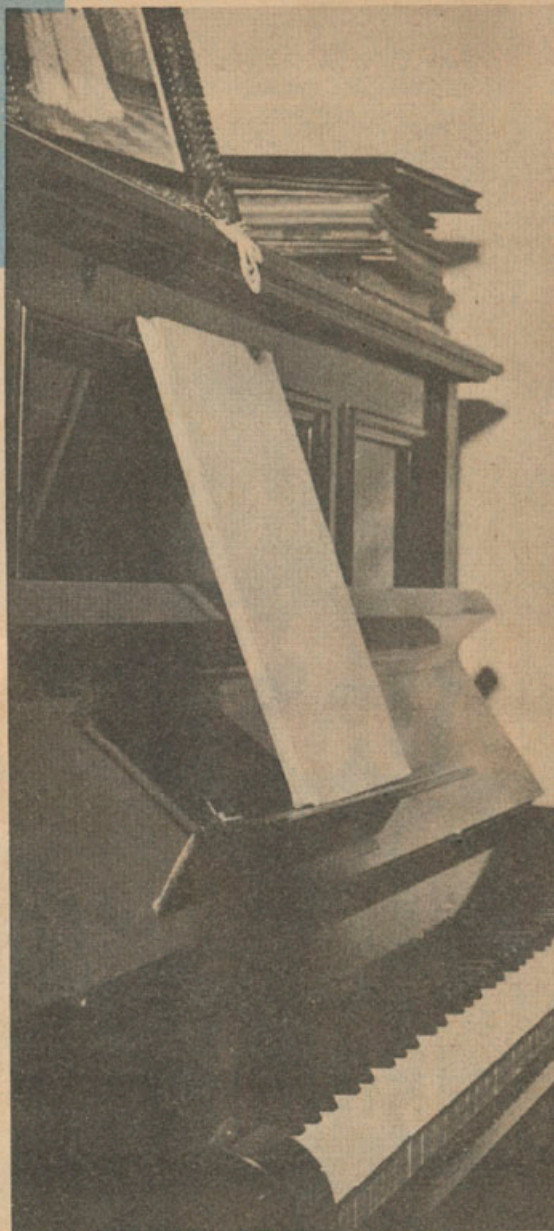
MELODIA

— A linha melódica adquire leveza rítmica e amplia seus elementos plásticos. As vezes é até caprichosa, como outrora ocorria na modinha e no choro. Ainda que na melodia BN apareçam reminiscências cosmopolitas, cumpre lembrar que serão elas aos poucos deformadas ao nosso modo, pela respectiva introdução de elementos nativos e que por força de fatalidade terão sentido mais nacionalizante. A fusão de melodias modinhas com princípios BN parece já estar determinando esta questão.

HARMONIA

— As combinações harmônicas, que até há pouco se vinham tornando cópia servil de padrões cosmopolitas, vão agora criando aspectos surpreendentes. O que resta do impressionismo francês (lembro Debussy e alguma coisa de Ravel) — harmonias que nos EE.UU. não passaram de simples adaptações exteriores — vem no Brasil adquirindo alguma personalidade. Aliás, no que tange às relações entre melodia e harmonia, convém, a título de ilustração, salientar o seguinte: depois de Gershwin, Ellington e Porter, a música popular norte-americana estacionou, sem que até o momento se verificasse a mais leve manifestação de renovação; antes descambou para o virtuosismo do be bop e para o desenvolvimento supérfluo da orquestração, no fundo simples artesanato profissional, jamais criação autêntica. Na música BN, a harmonia é modulante e parte intrínseca da composição, tornando-se um valor estético de indubitável validade. E a melodia adquire maior expressão exatamente naqueles momentos quando a harmonia (acordes)

Guerra Peixe, em sua longa explicação sobre BN, afirma que a música popular brasileira só teve lucros com o evento



Sobre a matéria, afirma GP: "A linha melódica adquire o maestro

cria determinadas condições. Por isso, o executante ou orquestrador que altere o plano harmônico de uma composição de Jobim, por exemplo, não demonstra talento algum de harmonizador, mas apenas deturpa a peça musical.

RITMO

— O ritmo acompanhante, é justo reconhecer, às vezes carece de alguma coordenação entre o toque de violão e aquele feito por instrumento de percussão ao fundo e em execução sincopada. Todavia, evitando a aspereza batuqueira e a castração bolerosa, tem ele o essencial para acompanhar a melodia sem perturbar a clareza harmônica e sem interferir nos detalhes da orquestração. Dizem que o músico que começou a usar o atual ritmo BN foi o pianista brasileiro Johnny Alf, surgindo depois, ligeiramente modificado, nisso que se conhece. Não sei. Posso no entanto afirmar que, para mim, o tal toquezinho percussivo que aparece nas gravações eu o registrei numerosíssimas vezes nos toques de agogô dos cultos africanos do Recife. E, portanto, tradicionalíssimo, embora só agora aproveitado na discografia. Lembro-me também de coisa parecida que meu velho amigo Oswaldo Miranda executava ao violão, quando, por volta de 1930, eu, ao violino; me acompanhava em serenatas em Petrópolis.

de determinadas palavras retorna à autenticidade popular, numa acentuada reação ao gramaticalismo obsoleto.

ADAPTAÇÃO

— Algumas melodias compostas muito antes do movimento **BN** se adaptam esplendidamente ao novo estilo. Exemplo: "Rosa Morena", de Caymmi, na gravação de João Gilberto. Já outras peças antigas, gravadas pelo cantor **BN**, não revelam as mesmas possibilidades. Por outro lado, música como "Menina-Moça", de Luís Antônio, gravada por Tito Madi, não obstante o ritmo acompanhante na percussão e no violão, não é peça no estilo **BN**, mas samba em estilo modinheiro. Contudo, a letra é **BN**. E no conjunto a experiência é magnífica.

Ao plano e com instrumentos da percussão, Guerra Peixe demonstra ao repórter detalhes da música "bossa nova" em confronto com outros estilos da música popular brasileira. Ridiculariza depois o afronoso estratagemma, empregado por diversos cantores novatos, de buscarem publicidade fácil através de pretensa identificação com o novo estilo, confundindo afinal de contas não só o público como parte do meio artístico a respeito das verdadeiras características da "bossa nova". Avança ainda que, a seu ver, a música brasileira, sob o estilo **BN**, encontrará mais ensejo de penetração no exterior devido a facilitar a sua assimilação rítmica, harmônica e melódica pelos músicos e vocalistas estrangeiros. E opina:

— Por fim, vale notar que, não sendo tão radicalista quanto no século XIV foi na Europa o movimento *Ars Nova*, é irrecusável que *Bossa Nova* oferece — no âmbito desprezioso do populário brasileiro — significação paralela a movimentos artísticos como o Barroco, o Rococó e o Romantismo. A comparação é audaciosa, mas não errônea. *Bossa Nova* — ou *Sambalanco*, como queiram — deriva de uma necessidade de renovação. Conscientemente ou não, — finaliza o maestro Guerra Peixe — é uma decorrência dos anseios de emancipação econômica, cultural e política do Brasil, surge contemporaneamente à reavivização de nossas tendências nacionalizantes e data da ocasião em que Brasília começa mais um capítulo de nossa História.



ritmica e amplia seus elementos plásticos". A foto foi colhida quando à **RADIOLANDIA**

INSTRUMENTAÇÃO

— O violão, há pouco palhetado à maneira cosmopolita, volta a ser ponteado como recomenda a execução brasileira do instrumento. E se o velho choro (primitiva forma do atual "conjunto regional") era, em última palavra, manifestação popular de música de câmara, o conjunto adequado à realização da execução **BN** segue o mesmo caminho. Violão, flauta, trombone e alguma percussão já integravam o antigo choro, enquanto que os atuais violinos ocupam o lugar da rabeça em voga na música folclórica.

INTERPRETAÇÃO

— A característica é a simplicidade e a precisão em determinados desenhos rítmicos. A liberdade, possibilitando a variação, reduz-se ao necessário para quebrar o rigor das medidas rítmicas. Esta liberdade, certamente, não é uma conquista **BN**. No entanto, vinha sendo conduzida por cantores ditos modernos (...), os quais recusavam a simplicidade com receio de serem qualificados de quadrados! Daí as interpretações sofisticadas, dinamicamente sem sentido e rítmicamente desordenadas. **BN** veio corrigir isso. Por outro lado, a intensidade exuberante e as "flurituras" são estranhas ao novo estilo. Cumpre notar que o anasalamento vocal — uma característica legitimamente brasileira — volta a ser considerado na voz de João Gilberto. Outrossim, a pronúncia